



O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XVII — N.º 466 — Preço 1\$00
20 DE JANEIRO DE 1962

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

TRIBUNA de Coimbra

O Vitor, filho de uma pobre anormal abandonada às ruas de Coimbra, ainda não deixou um só momento o camião que o padrinho, o nosso professor Carlos Manuel, lhe trouxe de Tavira, no dia de Natal. O Atino que é o mais pequenino da Casa, anda com todos os seus brinquedos ao colo e não liga a mais nada. Para eles o Natal foi alegre.

Eu, o mais velho e chefe de família, tenho estado presente junto dos filhos ausentes que não puderam vir passar o Natal conosco. Primeiro o Vitor Manuel que estava com o Fernando Dias e o «Gaião» de Paço de Sousa, em Damão. Quanto estimo as suas últimas cartas que são um grande testamento espiritual. Em meados de Dezembro contavam reunir com 13 soldados vicentinos, elementos da Conferência por eles organizada. Nada sabemos do seu paradeiro.

Deus, por amor de Quem serviam a Pátria, os tenha na Sua guarda.

João Martelo, Alberto José, e o Manuel Maria — são militares em Angola, donde têm enviado mensagens e cartas que são gritos de verdadeiros Portugueses de outrora. Quando leio as suas cartas orgulho-me do sangue português e dou graças a Deus por tais filhos que deu Portugal.

O Crisanto, que há 3 anos serve a Pátria na vida militar, é ferido em Lisboa e esteve de serviço nos dias de Natal. Apesar dos 25 anos de idade, está disposto a servir.

Eis uma passagem da sua última carta: «Todos estes acontecimentos chocaram e abalaram. Às vezes patetamos que não somos patriotas, mas estes cobardes atentados revoltam-nos, e se neste momento fosse necessário mar-

char para a Índia, parece que me custava menos do que se nada tivesse acontecido. Pode crer Sr. Padre Horácio, que se tiver de partir para qualquer parcela de Portugal saberei cumprir o meu dever de Cristão, de Português e de Gaiato».

Tenho-o muito junto do coração.

O Manuel, que foi transferido para a R. A. L. de Leiria, também não pôde vir naqueles dias. A todos enviei uma lembrança de Natal, com um abraço muito apertado.

Os que puderam, compareceram. Não fizemos festa. O presépio da nossa capela foi triste. Não houve o teatro de todos os anos. Não tivemos cinema. A sala de jantar não foi enfeitada. As refeições só foram melhoradas com os minios que os nossos Amigos nos enviaram. Não tivemos, nem ma-

Calvário

O Calvário foi, é, e será sempre um vasadouro. Tudo quanto estorva ao convívio dos homens vem aqui parar. Desde que não haja possibilidade de encaixar no quadro social do nosso para aquilo que é considerado inútil, logo surge aqui a notícia angustiada de alguém que não tem arrimo. Este parálitico, porque não tem quem lhe chegue o caldo; aquele, porque nem parentes nem amigos lho querem chegar. Um, porque sofre em abandono mal incurável; outro, porque, também sem esperança de cura, ocupa inutilmente cama hospitalar. Mas todos eles ruminando o abandono, que é de todos o mais doloroso mal.

O Calvário é, pois, vasadouro. Esta a verdadeira sensação que exprimento sempre que transponho o portão da entrada com novo doente. Eles são desenganados a quem é preciso insuflar a confiança e esperança. E, se tivera camas e quem por eles olhasse, todos os dias iria por eles. Mas não. Nem camas, nem quem deite a mão. Vamos ocupando apenas as daqueles que o Senhor vai chamando. Nos últimos tempos veio uma revoada:

O Sr. Firmino agoniza em loja aberta para uma rua do Porto. Porque o neto, amparo único, foi preso, o pobre inválido está só. E de tal modo só, que damos com ele apenas enrolado em trapos por onde es-

nifistámos alegria. Procurámos passar o tempo mais em união com o Senhor e reunimo-nos várias vezes à volta do Altar.

Sabemos que só Deus pode sustentar o caminhar da nossa História e só Ele é capaz de dar as condições da verdadeira paz.

Padre Horácio

preita o corpo nu, deitado sobre restos de comida e sujidade, totalmente indefeso e desamparado. Em redor, desalinhado medonho acusa o fraco cuidado do neto. Vizinhos aco-

dem. Trazem roupa. Vestimo-lo e trazemo-lo conosco.

A Ti Maria Ferreira é espectralmente triste mas bem idêntico. Quartito sujo, negro de lixo e de miséria, no alto de Bonfim, abriu a cama de ferro rodeada de cacos. Em cima daquela, enxerga de trapos. Dentro deles, inválida e encadida, a pobre doente, e que os filhos não desejam longa vida. Também aqui vizinhos compassivos (que os filhos não comparecem) dão roupa para aconchegar o corpito enreg-

continua na página DO

O LAR DO PORTO

Espero que à data em que este número sai já seja nosso.

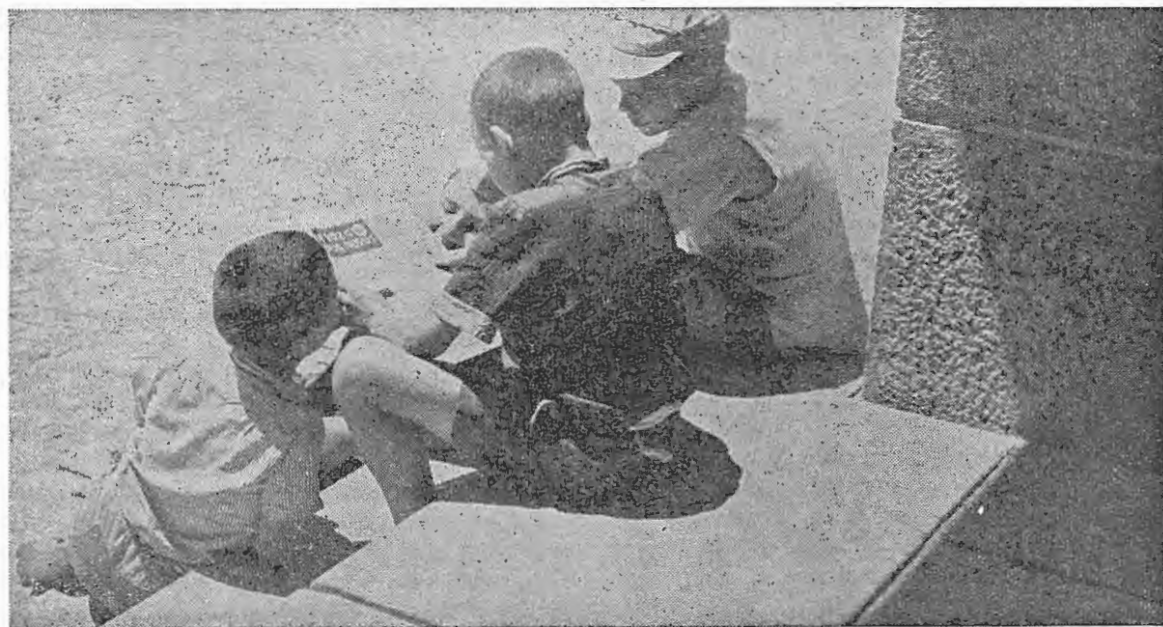
A história começou no inverno, num inverno de uns anos atrás. Casa antiga, o telhado não vedava suficientemente (O pretérito imperfeito vale ainda no indicativo presente!). Era preciso latas e bacias a aparar pingo aqui, pingo acolá. Telefonava-se para a Repartição respectiva da Misericórdia o nosso S. O. S.. Vinham os trochas; iam ao telhado; tiravam e punham telhas. Partiam. Tornava a chover. Tinham mudado os lugares dos pingos — os pingos não mudavam.

Veio Sr. Arquitecto. Remédio: Levantar telhado todo e refazê-lo. Outras obras urgiam por mór da conservação do prédio. (A instalação eléctrica, por exemplo, nunca nos deu trabalhos, por não sei que benção muito especial...) Faz-se a estimativa do indispensável: 200 contos.

Dado o preço da renda, o investimento era má operação para as entidades proprietárias: Misericórdia do Porto e Hospital Maria Pia. Dada a qualidade do inquilino seria custoso subir a renda. Deixar cair o prédio era pena. Deixar-nos tolher de reumatismo por causa da chuva era cruel. E a solução mais simples apareceu, espontânea: O prédio como está não vale, senão a família excepcionalmente numerosa como nós... E se equacionássemos o problema com todos estes valores e desvalores e o comprássemos?...

E foi assim que a história começou. E durou!... Não que nos cumes jamais tivéssemos encontrado dificuldades. Mas tivemos muitas ocasiões para dar graças a Deus por ser tão simplesmente fraterna a assembleia dos seis «padres da rua».

Pois bem. A história está no seu epílogo. Espero, mesmo, que à data deste jornal andar nas vossas mãos, já a casa será nossa. E sei que nessa hora há-de estar paga. Como?, de onde? — ao certo ainda não sei. O que sei é que já há muito tempo não subíamos aos púlpitos das Igrejas do Porto com tanta necessidade de virmos cheios delé, como acontecerá nos peditórios deste ano.



ELES — os nossos grandes amores!

união
n outro,
hos do

nos ao
sência e
mos en-
ras visi-
tiva e
os ajude
chegado
raças a
nçado,
ispostos

s podem
Primei-
Pobres.
de Fra-
com a
da Mis-
de sau-
mesmo

ança, os
ia — o
dias. O
e era o
e apai-
Barredo.
bém que
a! Por
nas em
nos. Os
m-no co-
a sua fa-
le quem

Rua da
Barredo.
da Re-

Dionísio,
ente da
a como
notícias
Subimos
os Mer-
as-Festas
ilhos, à
é feliz
arran-
pão de

Ribeira,
er bugi-
n que a
Entramos
redo. A

a fome.
criar há-
sair da-
ssível na
ma assis-
ante. Ali
um ran-
quanto a
ho para
rior afli-
é, sem
o dia de
grinação

res havia
ente que
da horas

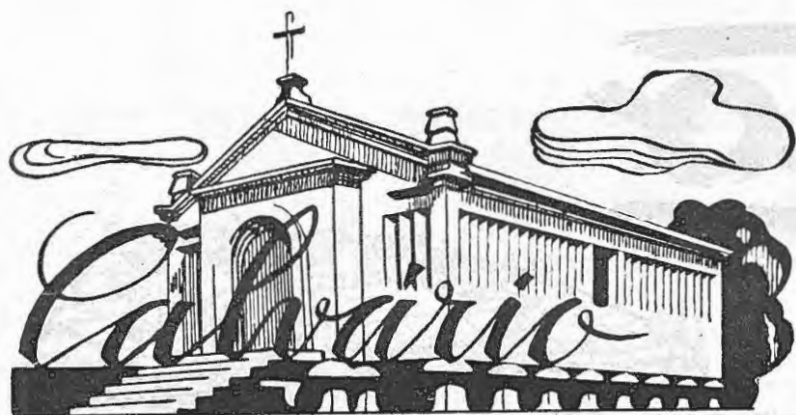
interesse
redo não
a ou de
dos os

António

RES»

ografia da
sousa

AGORA



continuação da página UM

lado da enferma, que o Calvário acolhe naquela tarde.

A Ti Albertina muito trémula já, sem parente algum, vive quase ao relento num alpendre. Entrega-se à mercê de quem se compadece e lhe estende tijela de sopa com um «tome lá». Também esta aqui vem dar, após purgatório de amargurada incerteza.

A Ti Libânia, tolhida e cega há longos anos, vive num aido em pleno Porto. «Está pr'ali sôzinha», — dizem-me. Hoje já não. No Calvário é de todos a mais feliz, cantando e bendizendo pelo dia fora a quantos santos moram dentro desta casa. Ela é ceguinha; mas a alegria verdadeira, a que a torna deveras feliz, é a que a Ti Libânia sente no seu íntimo, a visão segura do que o Senhor é: Bom para os que o temem e amam!

Quem dera poder continuar o rosário dos que aqui gemem e choram e cantam e amam! Mas temos por imposição, dar o rol dos amigos que também choram e amam de olhos arregalados para as mãos erguidas dos nossos Pobres.

Senhora da rua de Damão, na capital, vem em romagem com mel e 2.000\$. Duas criadas vêm com o mesmo fim, da mesma cidade, entregar o seu óbulo. Casal em viagem de núpcias com 1.000\$. Outro também da capital e com o idêntico donativo. Mais outro casal com 500\$ e bolos prós doentes. Continua Lisboa. «Ninguém» de Alvalade com 500\$. Júlia com roupa e 100\$. Mão escondida com 500\$. Outra com 100\$. Maria Amélia muito cêrtinha mensalmente, vem agora com um cobertor. Mais promessas. Mais donativos discretos.

Agora é o Porto. De visitantes diversos 1.550\$. Uns senhores com 262\$. Outro do G. de Panificação com 147\$. Humilde portuense uma e muitas vezes e em todas a vontade de nunca faltar. Portuense qualquer é também cêrtinha e entusiasta. O Senhor as guarde. Engenheiro do Porto muito em silêncio traz amigos. Ele com 2.700\$. Eles com 200\$. Professora com 50\$. Embrulhos com roupas têm sido muitos. Deles no Espelho da Moda, em Paço de Sousa, aqui. Por alma duma Maria 500\$. À Maria Alice brinquedos e donativos. Alguém não quis dar-se a conhecer e entregou brinquedos e, no Espelho da Moda, 3.000\$. Maria Elvira com 20\$00 e roupa novinha. Da rua

das Papoilas 250\$. Amigo do Porto aqui presente vezes sem conta, vem em dia de anos com 300\$. Pretende que os outros se associem ao seu regosijo. Noutra data comparece «para que Deus o ajude a levar a Cruz». Não pede nem deseja que o Senhor lhe tire, mas que sômente o ampare, com ela. Que sentido da vida! Como é bom saber assim levar as horas difíceis da vida! Não pode vacilar.

Cotização de amigos, 200\$ e roupa de lã.

Outra anônima vai ao Espe-

Eu e minha irmã íamos oferecer uma prenda ao nosso Pai, que fazia anos nesse dia.

O nosso Pai estava a ler o jornal do Gaiato.

O Pai disse-nos então que ficaria mais contente se trocássemos a prenda pelo dinheiro que ela custou e enviássemos esse dinheiro para a velhinha tuberculosa que tem oito netinhos em casa e que passa mal.

Nós concordámos logo. Aqui vão os 150\$00 que custava a prenda e que o comerciante devolveu.

São para suavizar o Calvário da pobre velhinha.

Pedindo-lhe a benção, subcrevem-se,

Duas Marias

lho da Moda e deposita 3.000\$. Ali ficaram roupas, e mais donativos. J. N. Guimarães do Porto entrega-nos 1.000\$. Visita anônima entra por aqui dentro e em silêncio absoluto também depõe em nossas mãos 1.000\$. E. S. C. envia 300\$. Donativos vários somam 700\$.

De Santarém 40\$. Amigo de Setúbal aparece com 1.000\$00. De Alcobaça 20\$. De Gondomar dez vezes mais, e um monte de roupa. Do Minho 50\$. Da Murtosa 520\$. De Casadelo 600\$, e rebuçados docinhos. De Ovar prestação mensal de Peccator.

Torna Lisboa com 200\$ e 50\$. Vem também E. A. C. com 500\$ e 200\$. «Por alma de meu pai» 1.000\$. Mais um filho que pede pelo pai. A vó muito amiga do neto tem vindo todos os meses desde que este nasceu. Está aqui o primeiro ordenado dum rapaz. Ataíde também. Anônimo com 1.000\$ igualmente presente. E com quantia igual um grupo de sacerdotes. Com metade outro anônimo. «Por um pai» 200\$. Da Póvoa bolos. De Santarém, de Souzaelas — roupa. Da Beira, Cruz com 50\$00. De Chaves a mesma soma. E de Grijó também. Outra anônima diz que não pode ficar indiferente.

O ano abriu com a Procissão. Há muito que é assim. Na véspera, ou ante-véspera, um telefonema assegura-os de que o horário da Missa não mudou. E à hora, o casal aí está. Incorpora-se na comunidade durante a celebração. Depois partilha do leite das nossas vacas, da manteiga do nosso leite e do pão que o «Papagaio» faz.

Conversámos... À partida fica um envelope. Como de costume são duas casas. Aí vão elas, hoje, a abrir o cortejo.

Outra presença certa. É também um telefonema que a introduz logo nos primeiros dias do ano. É a Casa Uma graça do Coração de Jesus. Com a deste ano, é a oitava. Isto as passadas por nossas mãos! Porque nós sabemos que o Coração de Jesus faz aos Pobres a graça de mais casas no coração desta devota agradecida.

E mais uma Casa à Minha Filha Maria Manuela, fecha o grupo das casas por inteiro.

Segue o das casas para que concorrem vários. E vêm: uma pedra de 50\$ para a Casa Nossa Senhora do Carmo; outra de 20\$ para a Casa Rainha das Virgens, «muito da minha devoção»; e, do Cartaxo, o resto de uma assinatura para a Casa dos Professores Primários; e duas vezes 20\$, «como de costume para ajuda de uma casa de N. Senhoras».

Os eventuais, desta feita, são uma presença numerosa.

É quase uma casa (10 contos), de Lisboa, «em acção de graças por um pedido que fiz ao saudoso Pai Américo». E são 100 vezes menos do assinante 4811; e metade da Régua; e 2.000\$ da Clarinda; dez vezes menos de Lisboa, e «gostaria que me considerassem uma das muitas anónimas apaixonadas pela vossa Obra». Da Figueira da Foz esta legenda:

«Com o desejo da melhor saúde para si, seus colaboradores e pupilos de toda a «Obra da Rua», venho trazer-lhe em meu nome e de meu marido, até mesmo mais dele, pois foi quem assim o dispôs, a importância de 1.500\$00. São umas pequenas migalhas, (digo pequenas para o muito mais que a querida Obra precisa, mas que para nós representa alguma coisa, visto que não somos ricos, e, portanto, com mais alegria as oferecemos) para ajudar um pouco tantas necessidades, migalhas que podem ser divididas, igualmente, pela Casa do Gaiato, Calvário, e Património dos Pobres».

Têm-nos entregado donativos para sufrágio.

E, como as obras, sobretudo os pavilhões para os paralíticos, nos têm levado tudo, começámos a pedir. Em Vizela colhemos 3900\$. Em Felgueiras 1.650\$. Em Guimarães, em igrejas diversas, 15.500\$. E, quem chama, que a gente lá vai?

Padre Baptista

Quinhentos da Maria do Resgate, com mais 150 pró Calvário. O dobro no Espelho da Moda, «continuação do cumprimento de uma promessa». E outra vez quinhentos, também de uma promessa, «por os meus quatro filhos terem passado nos seus estudos». Esta mesma pessoa manda 50\$ pró Calvário e desabafa: «Quando lá estive tive vergonha de os dar por ser tão pouco e, sobretudo, porque perante tanto Amor e Caridade que lá encontrei, pareceu-me até que era profanação falar em dinheiro».

Vamos agora rever os de todos os meses. São: a Mariazinha e o Artur e o M. de Oliveira e a do Pequeno Louvre e a Alda do Ribatejo, mais o do tabaco a menos, estes últimos duas presenças cada.

Tanto o Pessoal do Grémio da Panificação, como o da H. I. C. A. não faltaram. E a Administração desta, deve estar por aí a aparecer com o 2.º semestre de 1961.

E tornamos a outros de todos os meses, os das casas a prestações: É a 32.ª pedra de mil para a Casa de minha Mãe. E continua: «As vezes até me parece um sonho—eu que nunca soube juntar dinheiro!» Pois não é sonho: é realidade e que realidade! Juntar onde os ladrões não roubam, nem a tração, nem a humidade corrompe!

A Casa Carolina sobe em mil. O Casa! assinante 28562 leva o 37.º título de presença na Procissão. Duas vezes vimos neste desfile o assinante 6790, que fica na 87.ª prestação.

Mais 700\$ para a Casa de Mariazinha e Fernandinho. Mais 500\$ (a nona!) para o Lar da Graça. E outro tanto para a Casa Graças a Deus, que Cruz da Beira, está erguendo.

A Casa do António e do Fernando fica em sete contos e seiscentos. As de Jesus Crucificado e Jesus Ressuscitado atingiram 10 contos. E escutem lá esta verdade de uma alma, que concerteza há-de ter já experimentado a Cruz para ser tão pujante a sua ressurreição: «Quanto devemos às obras criadas pelo Padre Américo! Quanto mais oferecemos mais devemos. Nunca saldamos as nossas contas». E assina: «Pobre Peccador».

Senhor, também nós não somos dignos de contemplar tanta beleza!

A Casa Fé em Deus, excede o ritmo mensal e recompõe-se de um mês de atraso. Mais desculpas por atraso: É a Casa Santa Filomena, que fica na 7.ª prestação, e confessa: «...tenho tido alguma dificuldade em fazer economias. É dinheiro que vou juntando aos tostões e aos escudos e assim leva muito tempo, além de que nem sempre tenho a coragem de me privar de certas coisas». Ó simplicidade! Ó sinceridade! Ó Património dos Pobres!

O Alberto do plano decenal não falta; e Helena, além de duas presenças (18.ª e 19.ª) para a Casa de S. Francisco, ain-

da aí apareceu no dia do SS. Nome de Jesus com 5.000\$, para acudir ao apelo do Padre Horácio e ao de Inês em favor da Casa nova de Belém.

Fecha a marcha de hoje, eloquente no seu silêncio, Apresentação, que termina o 4.º mistério gozoso do Rosário, confiando «em que o Bom Deus me dará possibilidades de assistir ao próximo. Encontro, com início em Janeiro de 1962».

As placas do 1.º terço estão a fazer-se: Por Deus, o Próximo; e logo a seguir, Anunciação, Visitação, etc. — e devem ser colocadas no Funchal, se nada houver em contrário.

É o feliz que passa estas contas — que eu bem desejava conhecer, mas quero fazer o sacrifício de não aceitar a oportunidade — veja-as cá ou LÁ, passe-as até ao fim, ou adormeça no meio da sua piedosa reza, saiba de certeza que ninguém jamais lhe roubará a sua felicidade.

Campanha de ASSINATURAS

A VOZ DOS LEITORES— Eis uma voz que não envelhece! Antes rejuvenesce dia a dia e é tão viva como nos primórdios do «Famoso». Ora leiam; ora vejam que entusiasmo, que singeleza — e que riqueza:

«É com imensa alegria que hoje lhe escrevo a participar que arranjei um assinante para o querido «Gaiato».

Pena é ser apenas um, mas é a certeza de que a leitura do «Famoso» irá ajudar imenso essa alma.

Daí a minha alegria. Espero conseguir mais assinantes.

Duma apaixonada da vossa Obra».

Como pode a gente parar, como?! Esta apaixonada e outras e outros—são almas que jamais se cansam. Porque o objecto da sua paixão — a Obra da Rua — tem por base perene o Santíssimo Nome de Jesus, cuja Força remove montanhas e confunde sábios e poderosos do mundo.

x x x

DO MINHO AO ALGARVE— Impossível deixar de tecer hinos à procissão! Cada missiva, cada postal, é um incentivo. Ora vejam S. Martinho de Mouros, com gente fresca de Cortinhas e Vilar de Barrô: «Prometo continuar não me esquecer de arranjar novos assinantes sempre que me seja possível». E há-de voltar. Nós sabemos que sim. Mais Alpiarça. São as funcionárias dos C. T. T. que não param! E já começaram a incendiar colegas de Santarém. Vivam os C. T. T. de Alpiarça! E mais Barroelas e Leça do Balio; Coimbra e Figueira da Foz; Covilhã, Negrelos e Cova da Piedade, fu-





Uma Carta

«Ao rico não devas e ao pobre não prometas», e nós tínhamos prometido a Cristo uma casinha. Ele foi o maior pobre de todos os tempos que conseguiu legar ao mundo uma riqueza tão grande que passados dois mil anos é nova, mais forte e em cada dia que passa milhões vão a essa fonte inesgotável buscar princípios puros para a vida quotidiana.

Há já tempos que andávamos arredados da nossa casinha. Motivos vários, dificuldades inesperadas. Quis Deus porém mais uma vez lembrar-se de nós permitindo-nos completar a nossa casinha. É bem verdade o que S. Francisco de Assis, numa das suas maravilhosas orações, dizia: «é dando que recebemos, perdando que somos perdados».

A nossa «contabilidade» está fraca, pois nunca tomámos nota do que temos enviado. Todavia, lembramo-nos de que em resposta a uma pergunta que fizemos, fomos informados de que faltavam ao redor de 4.000\$00. Ei-los aí vão.

Pensávamos pedir que a casa fosse chamada «José e Isabel», mas quis Deus dar-nos mais uma riqueza: uma filha e assim resolvemos que a casa se chame «José e Ana». Será possível? Iguualmente gostaríamos que fosse edificada em Silves e que, quando da escolha da pessoa para nela morar, se não olhasse apenas à parte religiosa. Haverá maior pobreza do que o pobre que nem sequer tem a riqueza da Fé em Jesus Cristo?

E vamos agora para a segunda casa pois queremos deixar a cada filho o mesmo capital de rendimento certo e eterno de juro fora da lei: os princípios do Cristianismo. Queremos que qualquer que venha um dia a ser a posição dos nossos filhos, modesta ou elevada, eles sintam sempre a ampará-los nas horas de dificuldades e aflições, essa chama de amor e fé. Levaremos novamente outro tanto tempo, mas Deus é grande e nunca falta quando promete. Nós confiamos».

(Todo o sublinhado é nosso)

Que nos resta, senão ajoelhar e agradecer?!

Ó Sabedoria, que te fizeste pequenito (puer natus est nobis) e pobre, para nos enriquecer e tornar grandes, faz que tantos pais, que atropelam o próximo para deixar fortunas a seus filhos, julgando que assim os amam, vejam, compreendam, saboreiem, como este José e Isabel, a herança de rendimento certo e eterno, de juro fora da lei, que é essa chama de amor e fé, que os há-de amparar nas horas de dificuldades e aflições, inevitáveis,

qualquer que venha um dia a ser a posição dos filhos.

Felizes os filhos destes pais! Feliz o mundo e as gerações vindouras, se houvesse sobre a terra uns centos largos destes pais!

E os homens continuam em procura de um mundo melhor. Procuram na Ciência, nas Técnicas, nas Riquezas, no Poderio... em tantas ilusões, pobres iludidos.

Deus lhes leve a voz humilde de José e Isabel irradiante dessa chama de amor e fé, a fortuna que eles desejam e amealham para os seus filhos.

megante: «peço-vos que comeceis a mandar o mais breve possível». Almas inquietas. Sôfregas. Para quem não há tempo de perder tempo! Mais S. Romão, S. Pedro do Estoril, Barreiro (ó fogueira!), Trofa, Braga e Alenquer. Sim senhor! A procissão desta vez tem um movimento respeitável! E quiséramos estendê-la. Mas... Segue Leiria, Gestaçô, Cardigos, Penafiel, Souto (Vila da Feira), Vila Nova de Gaia, Azevo (Pinhel), Mangualde, S. Pedro do Sul, Almeida e Castro Daire.

ULTRAMAR — Durante a época do Natal e Ano Novo a hora do correio, no escritório de Pai Américo, é uma hora cheia — graças a Deus. Pois um dia destes chegou lá e Sr. Padre Carlos exultava: «Abri 105 cartas! Está aí uma de Nova Lisboa com 25 novos assinantes!» E na carta pôs o seguinte despacho: «Júlio pincha!» E eu pinchei. E matei saudades de célebres «despachos» de Pai Américo que guardo religiosamente, para reviver muitas horas altas e de desânimo que a Obra da Rua oferece a todos nós.

Júlio Mendes

Notícias da Conferência

Numa das últimas reuniões da nossa Conferência, o Sr. Padre Manuel desenvolveu um tema oportuníssimo — sem a oração de nós todos é difícil, impossível, a regeneração de casos difíceis, de ordem moral, que temos, infelizmente, entre os nossos Pobres. Foi um estremeção bendito. De facto, sem a oração, que é possível fazer à sombra da Cruz? Nada!

E como Deus sopra na devida altura, foi proposto, em complemento, que à missa vicentina dos primeiros sábados de cada mês assistam, também, os Pobres. Assim, todos irmanados na Casa de Deus, e do altar abaixo umas breves palavras de meditação propícias à regeneração dos casos difíceis, far-se-á — temos fé — uma sementeira divina na alma das pobres pecadoras, expostas à tentação do homem-animal que não perde um momento para a satisfação dos seus baixos instintos. E a sementeira é para nós também. Nós precisamos muito, muito! É que se a Vida Espiritual não crescer na alma de cada um — com pujança — como há-de ela crescer nos Pobres?!

x x x

O QUE RECEBEMOS: Como habitualmente, durante o Natal foi uma enxurrada! Graças a Deus.

Abre um médico das Caldas da Rai-

nha com 50\$. Mais 20\$ de Rio de Moinhos (Ribatejo). E o mesmo de Tancos «para enxugar alguma lágrima a algum dos vossos Pobres». Mais 250\$ do assinante 31.215, de Lisboa. Mais 130\$ de uma anónima, do Porto. Outra vez o Porto com 100\$. E mais Lisboa 40\$, da Rua Rosa Araújo. E mais 50\$ de Espinho. E, agora, temos o conhecidíssimo «Bébé n.º 3» que envia 120\$ «para pagamento do 2.º semestre». Mais Funchal, 40\$. E 50\$ da Av. João XXI, Lisboa. O mesmo de Chaves e uma carta que nos enche a alma! Mais 200\$ da Invicta. E 20\$ da «Viua do Porteiro». E 80\$ da «Alice Pequena». Mais Porto, com 250\$ de C. F. C.. O Porto abriu as asas e segue radiante: mais 10\$ da assinante 13.980, mais 30\$ de Laura Costa e 20\$ entregues ao nosso Carlitos. Outra presença firme — a assinante 17.022 com 40\$. E mais 50\$ da Rua Garcia da Horta, Lisboa, por intermédio de D. Domitilla de Carvalho. E mais 50\$ do assinante 9841. Finalmente temos a nossa África: 520\$ por intermédio de um grande amigo do Lobito e 100\$ do Lumbo que pode mandar sempre conforme indica, porque a desvalorização não é muito grande. Entendido? Saudades a todos os nossos amigos d'África, sempre presentes em nossos corações.

Júlio Mendes

O «PÃO DOS POBRES»

A nossa última notícia saiu quase certa. Digo quase, porque os assinantes da Editorial não receberam todos na Epifania, mas poucos faltam — e tal aconteceu por impossibilidade dos expedidores, mais que dos encadernadores.

Hoje é dia de Reis. Passei pela Oficina. Havia grande azáfama. Eurico, de cócoras, fazia rimas de livros, creio que prontos, na prateleira de uma das mesas de trabalho. Na guilhotina, Cutinho e Caixa de óculos tratavam de aparar mais livros. Por sinal que me zanguei — o que quase sempre acontece quando passo por ali — por causa da incúria dos da guilhotina, que ainda alguma vez cortam os dedos em vez do papel.

Podemos pois considerar praticamente fechado o capítulo dos assinantes. Agora falta o resto da edição. Ela não é para ficar. Seria desperdiço. Seria rejeição da Graça que passa e bate... e segue, quando A não recebem aqueles a quem Deus A ofereceu.

Ora oiçam desabafos de alma, de alguns leitores:

«Recebi ontem o II volume do «Pão dos Pobres», o que muito agradecemos. Temos a certeza que este livro, tal como «O Gaiato» e outros livros aí publicados, nos há-de fazer muito bem. Infelizmente sentimo-nos sempre pecadores, e quanto menos dificuldades materiais temos, mais difícil se torna a vida». (O sublinhado é nosso, tão verdadeira achamos esta afirmação!)

Outro testemunho: «Ando a ler este livro, agora mais à pressa, para depois começar, calmamente, a meditá-lo».

Mais outro:

«Desejaria que a sua doutrina fosse lida e meditada por

todos os portugueses, mas, principalmente, por aqueles que estão bem instalados na vida, para que todos se tornassem semelhantes a JESUS — humildes e caridosos, pelo menos. Infelizmente nos tempos actuais a vida é mais materialista do que cristã».

Outros — muitos! — ao mandarem uma quantia, esclarecem que não é para pagar, que «o livro não tem preço e é impossível de pagar durante uma vida humana e terrena».

Revelações que Deus faz aos humildes através da palavra de um humilde; belezas que são vedadas aos orgulhosos e aos obcecados pelas grandezas do século!

Não, não pode ser. Os livros de Pai Américo não podem ficar empilhados em estantes sem actuarem em tantas almas que devem ser estremeçadas e «acordadas do sono» pela sua palavra simples e por isso mesmo tão penetrante.

Muitos dos assinantes, ao liquidarem, confessam que já possuíam exemplares da 1.ª edição. Mas não importa. Um é relíquia para guardar no armário dos livros preciosos e mais estimados. O outro é para correr de alma em alma. Vários são os que agradecem a bela consoada que o livro lhes foi, ou lhes deu oportunidade de oferecer a outrem.

É preciso, pois, que todos os assinantes do Famoso, sintam da mesma sorte e comecem mandando seus recados para despacharmos o resto da edição que sobra dos assinantes da Editorial. Júlio até queria uma campanha de assinaturas prá Editorial. Eu disse-lhe que já eram campanhas demais. Mas o recadinho do Júlio aqui fica — e espera-se que não caia em cesto roto.

Auto Construção

Casas para trabalhadores feitas pelos próprios trabalhadores reunidos em grupo. Quanto tempo demorarão as casas a fazer? Gostaríamos que demorassem nem muito mais nem muito menos de três a quatro anos. E dizemos porque a nossa época não se compadece com grandes demoras. É um mal? É um facto. E os factos terão sempre a sua eloquência. Custa muito a manter um grupo unido para além do prazo razoável de tempo. As circunstâncias, na hora presente, mudam; e, mudando as circunstâncias, mudarão também as possibilidades. Uma mudança muito acentuada destas circunstâncias concretas afectar os resultados por mais boa vontade que haja em contrariar. Com o decorrer do tempo surgirão sempre dificuldades e complicações. Por outro lado as casas nunca poderão ser feitas muito depressa. É mesmo muito conveniente que a construção vá demorando. Os trabalhos não sentirão tanto as dificuldades económicas. Sendo pobres, terão que ir ganhando para viver; ajudar nalgumas circunstâncias pelo menos os seus e ao mesmo tempo, poderão tirar algumas horas para os trabalhos. Esta circunstância é também de alto valor educativo, pois dá o valor da persistência, da força de vontade, da continuidade. Habituar-se a saber esperar e, como diz o povo «a dar tempo ao tempo». Uma casa, mesmo feita de empreitada, não se faz em pouco tempo, pois será sempre uma obra séria, um empreendimento de valor na vida de qualquer pessoa. Assim a estimará melhor depois; não haverá, tão facilmente a tentação de a venderem. Custou esforço, custou dinheiro, custou tempo. Ficar ali mais o coração porque ficou lá muito sangue. O que não custa não vale. A pressa é inimiga da perfeição. E as casas têm de ficar grandes e, dum maneira muito particular, têm de ficar seguras. O que importa não será tanto fazer as casas depressa, mas irem-se fazendo muitas casas, ao mesmo tempo, embora vagorosamente, em diversas localidades. Auto-construção pretendo esforçar-se por se adaptar a diversas regiões. A falta de habitações decentes é geral em toda a parte. Tudo quanto se faça para a atenuar será sempre insuficiente. Também temos de contar com o efeitos do bom exemplo e do bairrismo entre os grupos mesmo entre as povoações. Este trabalho em grupo é, de sua própria natureza, público não deixará de despertar o interesse e a imitação em terras vizinhas.

(Toda a correspondência para Auto-Construção — Aguiã da Beira).

Padre Fonseca



Eleições:

Depois de uma reunião com os mais velhos, resolveu-se que a escolha se faria entre os dois des-

Entretanto o Zé do Porto, que há dias chegou de Lisboa, também tem ótimas qualidades e a sua formação bastante evoluída. Por isso a dúvida era grande.

Como no primeiro escrutínio

vitória que o será pela vontade indómita de todos nós.

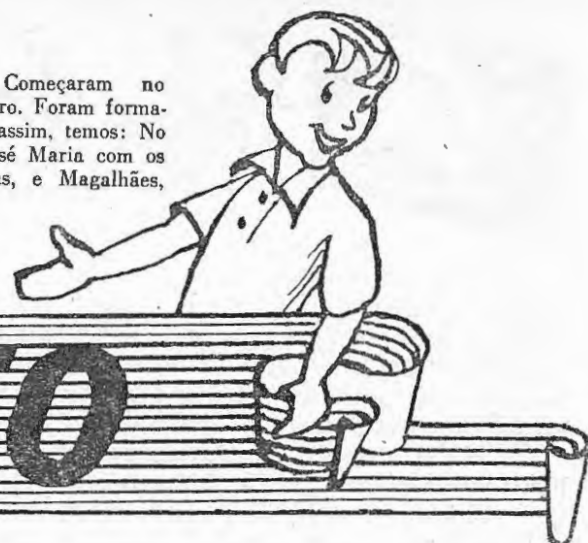
Daniel

SETUBAL

O LAR DO GAIATO em Setúbal, abriu. Como toda a Obra da Rua,

TOJAL

CATEQUESE — Começaram no princípio de Novembro. Foram formados vários grupos e assim, temos: No Casal, Sr. Padre José Maria com os mais velhos. Bucelas, e Magalhães,



PELAS CASAS DO GAIATO



José Maria Dinis

te grupo, que, libertos já do serviço militar, são os mais experientes e aptos para a pesada responsabilidade de chefe do Lar.

Antes, foi dita uma palavra sobre a seriedade do acto: Invocou-se o Espírito Santo e o chefe cessante leu, das Regras dos Lares do Gaiato, compostas por Pai Américo, o número que se refere aos deveres e direitos do Chefe e o Jaimito leu outro número, o que diz respeito aos deveres e direitos dos súbditos.

Havia dúvidas quanto ao eleito. Ambos apresentavam o seu curriculum vitae sem a menor mancha, um B maiúsculo pelo bom comportamento que sempre patentearam.

O Manuel Teixeira, rapaz inteligente e educado, é o mais antigo no Lar. Vai em doze anos de permanência nele.

não houvesse maioria absoluta, foi-se ao segundo, de que resultou empate.

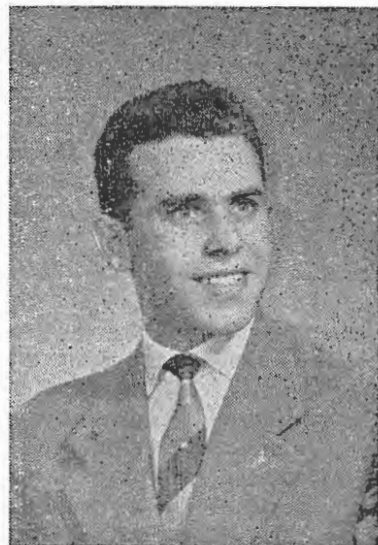
Só no 3.º escrutínio se veio a apurar o vencedor.

Foi eleito para o primeiro posto o José Maria Dinis, seguido pelo Manuel Teixeira; e, como um e outro estudam à noite, há um 3.º chefe que é o mais velho dos que estão sempre em casa: o José Maria Pereira Felgueiras.

Tudo terminou dentro do maior contentamento, não faltando o vinho do Porto para brindar à saúde dos que futuramente representarão a cabeça desta grande família.

Não quero deixar de expressar os meus sinceros votos para que correspondam dentro do possível ao que deles se espera.

Alberto Almeida



Manuel Teixeira

PAÇO DE SOUSA

FUTEBOL. Temos treinado com assiduidade e a nossa equipa está bem guiada. Atenção, ó nossos adversários! Ainda não perdemos e é de crer que nos mantenhamos assim, devido ao amor à luta, à compreensão e vontade por parte de todos os praticantes que sempre se empregam com alegria e com gosto para atingirmos sempre o melhor.

TEATRO. Não foi no Natal que apresentámos a nossa costumada festa, mas será no próximo dia 27 e já recomeçamos os ensaios e é de crer que seja a contento de todos. O Américo lá anda às voltas e é de crer que tudo decorra dentro do melhor possível.

LARANJAS. E as nossas laranjeiras, de que o Sr. Padre Manuel António tanto gosta. Os «Benfeitores» já começaram a correr para a mata:

- Que andas aí a fazer?
- Vim tomar os ares puros da mata.
- Só?...



- Admiras-te?
- E as laranjas, estão saborosas?
- As laranjeiras estão tão carregadas que até faz mal. Se depois partem, não darão mais laranjas e é uma pena. É só para aliviar.

DISCOS. Outro dia enviaram-nos alguns mas voltamos a lembrar para se não esquecerem. Há tantas microgravações que desejaríamos ter e com a compreensão de todos, será viável esta nossa pequena aspiração.

LIVRO. Vamos senhores. Quem não recebeu tem de dar desde já as suas ordens. Depois não se queixe que não recebeu e que já estão esgotados. Os assinantes das nossas edições já todos receberam. Agora mãos à obra para os outros. Vamos prá frente. E já comecemos a imprimir o 3.º volume do «Pão dos Pobres».

NOSSOS. Falamos dos que andam ao serviço da Pátria e que estão em todas as províncias ultramarinas. Recebam o coração destes vossos irmãos que cá de longe vos não esquecem. Não se esqueçam de ser sempre fortes e dos ideais que sempre comungaram sob estas telhas. Estais longe, mas muito perto pelo coração. Que o exemplo dos grandes portugueses sejam um incentivo à luta com fé na

nasceu sem verbas nem depósitos. Não havia dinheiro para a renda da casa, nem mobílias, nem nada. Habitantes há-os de sobra. Pai Américo habituou os nossos Padres a trabalhar, sem se preocuparem se têm ou não reserva de comer: «Considerai os passarinhos, que não semeiam nem ceifam, nem têm dispensa, nem celeiro, e contudo, Deus sustenta-os». A nossa Obra tem andado à roda desta frase de Jesus. Assim nasceu mais um Lar do Gaiato, para acolher rapazes desta Casa, que possam estudar no ensino secundário, e com o seu tempo, rapazes que precisem de se empregar no comércio ou indústria.

Ontem, Sr. Padre Acílio dá-me a boa nova, de que, um grupo de professores e professoras da Escola Industrial de Setúbal, se juntam para pagar a renda do nosso Lar. Muito contente, apertou-me a mão, para que me congratulasse com ele.

Parece que Setúbal vai compreendendo o bem que a Obra da Rua lhe vai dando, roubando rapazes ao lixo da rua, e ensinando-lhes civismo, a terem consciência e usarem da liberdade.

Pai Américo, abrindo o Lar de Coimbra, disse a respeito de um de nós: «Vai para o Lar que se abriu em Coimbra, para fugir ao contacto da família que o seduz. Nós fazemos isto, mas tu também tens que ajudar. Como? Dando-nos do que precisamos».

Tudo corre como dantes. Ora, senhores Setubalenses, e senhores alentejanos. Segui o exemplo dos Professores e Professoras da Escola Industrial, tomando a Obra da Rua como vossa.

Que melhor campanha precisamos do que dar ao rapaz consciência e responsabilidade para se conduzir rectamente?

Não existe milagre em tornar a lama que a Sociedade faz, em homens conscientes do dever. Que o dinheiro não seja o único obstáculo. Ajudando com o que tens em casa ou nos bancos, estás a tornar maior o teu celeiro.

PAPAGAIO fugiu. Era um rapaz com 18 anos. Era o maioral. Inteligente. Deu muito trabalho, muitas arrelias e muitas canseiras. Não quis estar abaixo das nossas telhas, e saiu, convencido das facilidades. Não pensou sequer no que deve à Mãe. Ele há-de reconsiderar um dia, quando tiver que se aturar a si próprio e reconhecer as dores que deu a quem o amava tanto.

É DOMINGO. Dou uma volta pela casa, e quando chego à beira da piscina, vejo um ror deles dentro das cabines. Quis saber do que se tratava, e fiquei um bocadinho abismado com o que vi: Com bocados de barro que eles próprios procuram na quinta, faziam bonecos e figuras pitorescas.

- O que é isso?
- É para o presépio, responderam em coro.

À noite estive nas escolas, e vi uma exposição de variadas figuras, em cima de um armário. Que bom! O que vai aqui de beleza! Como eles ficaram contentes, quando virem a sua obra exposta no presépio! Não é só o trabalho deles, nas horas vagas, o que mais impressiona; mas também a criação imaginária dos modelos.

Entreter os rapazes nas horas vagas, recrear o espírito, é educação que não pode faltar nas nossas casas. Tudo, o que cheire a ociosidade, é doentio.

Ora, nós queremos entretê-los e precisamos de jogos.

Ernesto Pinto

com 8 rapazes cada, a dar o 2.º ano de catecismo. Rafael e Rogério nas salas das casas onde são chefes, com 8 cada. Páscoa numa das salas da Igreja, também com 8 rapazes. João Marcelo na sala da televisão com 8 rapazes. Todos a estudar o catecismo do 2.º ano. Benfica com um grupo de 10 e eu com um grupo de 13 para a Primeira Comunhão. Portanto os mais pequenos. Todas as semanas temos reuniões de catequistas.

A catequese é a base da formação Moral e Cristã de todos os cristãos. Sem ela não poderemos viver com o conhecimento perfeito das coisas de Deus. Ela é hoje a necessidade mais urgente da grande Família da Igreja. O comunismo avança vertiginosamente. Talvez mais que aquilo que nós pensamos. Necessariamente temos nós, católicos, de fazer pelo nosso ideal algo que ultrapasse de muito longe, ao ponto de afogar as manobras bábeis do comunismo. Como se consegue? Não dizemos muito fácil. Mas dizemos que os Pais católicos podem remediar em grande parte o problema se mandarem os seus filhos à Catequese. Mais nada. Não é preciso mais nada. Reparemos por exemplo no comportamento da maior parte das crianças. Fogem dos pais. Uns aparecem, mas outros não. Já não falamos das crianças dos 15 aos 20. Esses que pertencem desassombrosamente ao grupo dos delinquentes. A raiz do mal está na despreocupação quase total dos

pais. E o remédio para esse mal é o Catecismo. Base fundamental.

Fazemos votos sinceros para que os nossos catequistas saibam mostrar aos nossos rapazes, com a maior clareza e respeito, as maravilhas que Deus criou para que os homens vejam nEle o Senhor cheio de Misericórdia e Amor.

TERNURA — Nós também temos, à semelhança de outras casas, dois pequeninos. São eles o Marito e o Jaimito. Ambos da mesma idade não o são em esperteza. Jaimito é mais vivo. Marito em princípio também o foi, mas o facto de ter vindo o Jaimito, para quem logo foram todas as atenções, eriu nele um complexo que o tornou menos vivo.

Na altura eu estava na cozinha. Era à noite. Na mesa onde estavam sentados para comer a sopa, encontravam-se dois tabuleiros com peixe assado para o jantar. Jaime, com a sopa à sua frente mirava as duas coisas. Por fim decidiu-se: «A sopa não está boa». A senhora Virgínia topou logo a manobra e não ligou. Nova olhadela e novo ataque: «Eu não posso comer feijão». Marito atento confirma: «Eu também não». A senhora nesta altura intervém para dizer que quem não comer a sopa não come peixe. Remédio santo. As malgas de sopa daí a instantes estavam vazias.

Cândido Pereira

TOTOBOLA

É verdade. Também o Totobola me começa a agradar! Até aqui confesso que não! Já tivemos o azar de alguns pequenos prémios cá em casa e foi um quebra-cabeças a mais. — Como se nos faltassem deles em cada instante?!...

Mas agora não se trata de sorte, boa ou má (Que eu acho menos boa do que má toda aquela que não resulte de trabalho!). Já que o Totobola existe (E eu sei que foi por bem e é por bem que existe!) são precisos impressos. Ora eles desperdiçam-se por aí em grande quantidade. Há quem se doa. Não sei de onde partiu a iniciativa de se procurar um remédio para o excessivo e desnecessário gasto. Apenas sei que entre os alvítes, este apareceu: Cada impresso custaria um tostão e este seria para o «Património dos Pobres».

O nosso Cândido faz contas: passaria de 100 contos por semana. Calha telefonar-me do Tojal Padre José Maria e revela-me, exuberante, a novidade.

Eu estava longe dela como tudo!... Não embandeirei em arco com o fulgor de Padre José Maria. Mas tenho cá andado a remoer... e não há dúvida que a medida era acertada!

Eu nem digo um tostão por cada impresso. Digo por cada par deles, já que — oiço falar! — toda a gente pede mais do que

um por causa dos enganos ou de apostas múltiplas. Ainda assim seriam mais de 50 contos por semana. Bem bom!

Ai que trabalhos eles nos dariam!: A gente por aí fora, a prègar uma casa para cada família pobre, tanto quanto possível construída por ela mesma, e a orientar e a exigir construções modestas mas dignas, de bom nível; e a cortar cheques, que seriam estímulo de uma ressurreição eficaz.

Que rico, que fácil plano de fomento da habitação — nós que construímos tão pouco, cá tanto no fundo da escala relativamente a outros Povos. E quão preciso ele era!...

E vamos lá a ver: o que custava? Pois quem joga no Totobola, não jogaria na mesma, por mais um tostão (ou dois que fossem!...) cada semana?! Eu cuido que sim. Cuido até que quem joga teria muito gosto em saber o efeito benéfico do simples facto de ele concorrer. Seria uma redenção, uma purificação para o seu prémio, se porventura viesse a ganhar. E o Totobola, que existe por bem, para fazer o bem, faria ainda mais bem — e em que campo tão fundamental!

Pois aqui damos notícia deste alvíte a todo o mundo dos leitores de «O Gaiato». E se a coisa é de votos, venham daí meus senhores e senhoras, e toca a votar!